



## DESIGUALDADE

# Miséria paulistana, um retrato do Brasil

Na cidade mais rica do país, prefeitura e voluntários oferecem assistência e alimentos à crescente população de rua

» HENRIQUE LESSA

**S**ão Paulo — A cidade mais rica do país tem visto a multiplicação da pobreza na sua paisagem. As barracas e barracos parecem não fazer jus à letra de Caetano Veloso que, ao cantar *Sampa*, falou “da força da grana que ergue e destrói coisas belas”. Até regiões antes consideradas nobres na cidade, como a Avenida Paulista, foram invadidas por uma multidão de pessoas vivendo nas calçadas e nas praças. Acampados em barracas, com barracos de lona ou papelão, ou mesmo enrolados apenas em cobertores velhos, brasileiros buscam se abrigar nas frias noites da capital paulista.

É uma situação comum a outras capitais, mas na cidade mais próspera do país, impressiona pelas dimensões. Uma miséria que, quando refletida pelos arranha-céus espelhados, parece dar ênfase ao desalento em que vivem esses cidadãos.

De acordo com os dados do censo da população de rua, realizado pela prefeitura de São Paulo, depois de uma certa estabilidade, entre 2009 e 2015, o número de moradores de rua na cidade de São Paulo vem crescendo de forma acentuada. Em 2015, a população que efetivamente vivia nas ruas, excluindo os albergados, era de 8.570 pessoas. Em 2021, último dado disponível, a cidade de São Paulo já contava com 19.209 pessoas vivendo nas ruas e 12.675 albergados. Trata-se de um acréscimo de quase 125% entre os paulistanos de baixa renda.

Mas a miséria material, que muitas vezes destituiu essas pessoas de abrigo também as impede de atingir as mínimas condições de subsistência. A fome é o que mais chama a atenção. Essa mazel é remediada, em parte, por ações públicas e por entidades de assistência a essa população.

Uma dessas entidades é a Pastoral do Povo da Rua, coordenada pelo padre católico Júlio Lancelotti, e que diariamente prepara o café da manhã e o almoço para cerca de 700 pessoas.

Durante o período com as temperaturas mais baixas, entre maio e setembro, uma equipe de voluntários quase todos os dias sai com o sopão da noite. Quando a temperatura promete se aproximar dos 10°C, eles se mobilizam. Além de providenciar comida, a iniciativa busca afastar o risco de hipotermia na população em situação de rua.

Em uma dessas noites de frio na capital paulista, o **Correio** acompanhou o trabalho desses voluntários no centro da cidade.

Fotos: Henrique Lessa/CB/D.A Press



Denis Silva, voluntário da Pastoral do Povo da Rua, entrega sopa a desabrigados: segundo a prefeitura, população sem teto aumentou 125% entre 2015 e 2021

## Calor humano na noite de 13°C

Por volta das 21h, na “casa de oração”, estrutura de acolhimento da Pastoral em que existe uma cozinha e uma padaria, a sopa de massa, batatas e cenouras já está pronta. O preparo dura cerca de duas horas. Quando a refeição fica pronta, é colocada em caixas térmicas e sai para a distribuição.

Depois de debater sobre o acerto do tempo e preparar o prato, os voluntários Luís Fernando, 36 anos, e Denis Silva, 32, se preparam para sair para a distribuição.

Luís e Denis conhecem a dor do frio das ruas. O primeiro viveu por cerca de sete anos em situação de rua. Denis, por sua vez, após um envolvimento com drogas, acabou afastado da família. Por cerca de dois anos, ficou pelas ruas. Denis conta com felicidade sobre a nova vida, conquistada após uma internação em uma comunidade terapêutica.

Com um pequeno rádio tocando músicas religiosas, a dupla carrega a perua Kombi com as porções de sopa e parte para a região do centro da capital paulista. Já

passam das 22h, e a temperatura de 13°C parece mais baixa em função da garoa fina que caiu o dia inteiro e deixou a cidade bem molhada.

Denis é muito calmo. Com 1,88m de altura, conduz a perua. Luís, mais baixo, com 1,60m, é o mais animado da dupla. Ele fica na parte traseira da Kombi, preparando as marmitas e controlando a trilha sonora.

A ronda noturna da sopa não segue um trajeto fixo. A demanda é muito maior que as cerca de 300 refeições preparadas para aquela noite. Com a presença da reportagem do **Correio**, por segurança, a dupla opta por não entrar na região do fluxo, conhecida como a cracolândia, onde a presença de traficantes de drogas representa um risco.

A primeira parada é na região da Estação da Luz, e a quantidade de pessoas que vão até o veículo é enorme. Todos, de forma ordeira, esperam pelo seu prato de sopa.

Vários questionam se a dupla teria cobertores, mas naquela noite, a Kombi não levava a proteção

para o frio. Centenas de pessoas, homens, mulheres e crianças, de todas as idades, aparecem. As filas mal chegam a se formar e já são atendidas por Luís e Denis. Até funcionários da varrição da cidade vêm à fila. Em uma pausa no horário de expediente, comentam que, com o ordenado recebido, não conseguem comer nada em lanchonetes ou restaurantes.

Todos apresentam um semblante de alegria e gratidão com a ajuda. Durante a entrega, fora a música que a dupla escuta, e os desejos de “Deus lhe abençoe”, a religião não é assunto ali.

Cerca de 40 minutos e após 250 pessoas pegarem a refeição, a dupla tenta retomar o caminho. Ocorre que mais pessoas chegam. Só na terceira tentativa o grupo consegue seguir para outra área do bairro do Bom Retiro, no centro da capital paulista. Mais famílias vêm pedir comida.

Durante a saída, a dupla encontrou desde crianças entre 3 e 5 anos, como idosos na casa dos 70, mulheres grávidas, e diversas



Barracas perto do Masp: habitações precárias se espalham por SP

histórias de pessoas que não comiam havia dois dias. Em meio ao frio e à fome, os sem-teto manifestam receptividade e gratidão pelo alimento recebido.

Denis Silva cresceu em uma periferia da cidade. Ele conta que, mesmo com o cuidado dos pais, acabou por se perder no caminho das drogas. Agora, após a reabilitação, busca no trabalho voluntário uma forma de manter a saúde e devolver um

pouco do que diz ter recebido quando foi ajudado.

Paralelamente à Pastoral do Povo da Rua, outras duas organizações também faziam o mesmo trabalho. Este ano, em São Paulo, há registro de duas mortes por suspeita de hipotermia entre a população em situação de rua. Um dos casos foi registrado em 20 de agosto deste ano, quando os termômetros marcaram 9°C e a sensação térmica foi de -1°C. (HL)

## Prefeitura reconhece crise e diz estar tomando medidas

Divulgação



Carlos Bezerra Jr.: desafio de acolher pessoas que estão em busca de oportunidade em SP

A Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), da prefeitura de São Paulo, atribui à crise econômica e ao corte de investimentos a situação de miséria na capital.

Segundo o titular da pasta, Carlos Bezerra Jr., a prefeitura tem buscado construir novas políticas de acolhimento para essa população. Quando se percebeu a ampliação da pobreza, a prefeitura antecipou o Censo da população de rua para o ano de 2021. O levantamento indicou um aumento preocupante no número de famílias nas ruas da cidade. O crescimento, segundo o Censo, foi da ordem de 111% em relação à medição anterior de 2019. O estudo verificou um total

de 5.200 famílias em situação de rua na cidade em 2021.

Quanto à proliferação de barracas nos canteiros, praças e calçadas da cidade, o secretário apontou que o crescimento foi de 333% dessas habitações na cidade. O dado novo é que essas estruturas estão geograficamente espalhadas por áreas não usualmente utilizadas pelas populações de rua. Bezerra acredita que, com a pandemia, a população apresentou maior “tolerância” com famílias em situação de vulnerabilidade social.

Bezerra Jr. faz algumas observações sobre os miseráveis de São Paulo. “Normalmente as pessoas que estão há menos de dois anos em situação de rua têm um

cuidado de autopreservação física e familiar. Mas, com o passar dos anos, as pessoas são submetidas a uma série de violências e vão perdendo aquele sentido mais forte de preservação, e vemos pessoas dormindo nos logradouros”, apontou.

Questionado sobre as ações da prefeitura para a remoção das barracas, ponderou que não é uma atribuição da sua pasta, mas que “a orientação da prefeitura é de que se respeitem as barracas como sendo uma parte significativa da vida daquelas pessoas”.

### Moradias populares

Bezerra Jr. afirma que a prefeitura tem atuado para

reduzir o problema. Pelos dados da SMADS, São Paulo é a cidade que proporcionalmente tem mais leitos de atendimento à população de rua no país. Ele informa, também, que o município está ampliando a oferta de atendimento em novos Centros de Acolhida, que hoje dispõe de opções segmentadas por público, com unidades específicas para homens, famílias, mulheres, mulheres transexuais, entre outros aparelhos públicos.

O secretário afirma, ainda, que a prefeitura está ampliando os contratos de locação de hotéis. Ele prevê que, até o final do ano, a oferta de leitos subirá de 1.700 para 3.300 unidades para a

população de rua. Essa ajuda se soma às 3.000 novas moradias permanentes do programa habitacional do município.

Para uma solução completa, diz que não há respostas simples. “A gente está falando de uma questão extremamente complexa, que atravessa várias administrações. Uma das razões para isso é que São Paulo é uma cidade atrativa para as pessoas procurarem emprego. Então, mesmo com ações de atendimento da prefeitura, sempre chegam mais pessoas em vulnerabilidade”.

Estatísticas apontam que 60% dos indivíduos em situação de rua em São Paulo são originários de fora da cidade. (HL)